

2º

**congresso
nacional
sobre o
algarve**

textos das comunicações

12-14 fev. 1982

HOTEL DA BALAIA

3180 800

742

11/15

4.000 / 92



António Bentes
14/2/1982

2.º

congresso nacional sobre o algarve

textos das comunicações

APARECEM

- Hotel da Balaia
- TAP - Air Portugal
- Rocknôdia Nacional
- Comissão Regional de Manteiga do Algarve
- Solis - Bact. e Cac

HOTEL DA BALAIA

12-14 fev. 1982

ALGUNS DADOS ETNO-ANTROPOLÓGICOS PARA O ESTUDO DOS ÁRABES QUE SE ESTABELECELERAM E VIVERAM NO ALGARVE NA IDADE MÉDIA

Por: José Domingos Garcia Domingues

Como sabemos, nos inícios do século VIII, deu-se a invasão da Península Ibérica pelos exércitos muçulmanos de *T:âriq ben Ziyâd* e *Mûsâ ben Nus:air* que, vindos do Norte de África tomaram e ocuparam toda ou quase toda a Hispânia.

O Algarve foi também invadido e ocupado pelos muçulmanos nessa altura. Pergunta-se, e com razão, quais foram os povos, tribos e clãs árabes que, a partir de então, se estabeleceram no Algarve.

Antes disso devemos apresentar algumas considerações sobre os povos que aqui viviam anteriormente e que por essa invasão viram a sua terra ocupada e ficaram submetidos aos novos senhores.

I—BASES ÉTNICAS DA POPULAÇÃO ALGARVIA ANTERIOR A INVASÃO MUÇULMANA

O mais antigo povo proto-histórico que habitou no Algarve deve ter sido o ibérico. Tudo indica que aqueles, depois designados por *Iberos*, tendo passado da África para a Europa cerca de 3000 a.C., aqui se estabeleceram nesta península a cujo território os Gregos chamaram *Ibéria*. Este termo proviria do nome do rio *Hiberus*, da região de Huelva, talvez o rio Tinto, junto do qual teriam sido assinalados os mais antigos *Iberos* (1). É evidente que, sendo assim, os mais antigos habitantes proto-históricos, conhecidos, do Algarve foram os *Iberos*. Esta tese parece a mais acertada.

Rufus Festus Avienus na sua «Ora Maritima», texto do século IV, mas que se baseia num périplo do século VI a.C., atribuído ao grego Pithéas, descrevendo a costa do sudoeste da Península Ibérica, aponta na região do nosso moderno Algarve, a existência de um povo com o nome de *Cynetos*. O nome deste povo estaria em relação com o de Promontório Cinético, o Cabo de há muito designado por de São Vicente. Estes Cinetes foram considerados por alguns autores como de origem cretense. Tal tese encontrou contraditores mas hoje há quem admita que eles fossem egeo-cretenses, devido a muitos vestígios pré-helénicos encontrados no Ocidente da Península (2).

Depois destes *Cynetos* o Algarve deve ter sido habitado pelos povos a que Políbio chamou *Konioi* — os nossos Cónios — e Apiano *Cuneos*.

Os *Cónios* ou *Cúneos* devem ter sido os sucessores dos *Cynetos* senão o mesmo povo com designação ligeiramente diferente. Todavia, enquanto os *Cynetos*, mais antigos, podem ter sido de origem oriental, os *Cónios* ou *Cúneos*, segundo tudo indica, eram *Celtas*. Com efeito, Estrabão diz, de *Konistorgis* que era a capital dos *Celtas* e Apiano que era a dos *Cúneos* (3).

Depois dos *Cónios* ou *Cúneos*, de origem celta, estiveram no Algarve os *Lusitanos*. Apiano Alexandrino na sua obra «Das Guerras dos Romanos», fa-

lando das guerras dos Romanos na Península Ibérica, diz-nos, no seu capítulo XI, que os *Lusitanos* sob o comando de Cauceno, conquistaram, pela força, os *Cúneos*. Plínio, que viveu no século I da nossa era, e escreveu a famosa «*Historia Naturalis*», afirma nesta obra que o território do Sacro Promontório (Cabo de São Vicente), ao rio Ana (Guadiana), estava ocupado pelos *Lusitanos* (*). O que confirma a informação daquele.

No tempo dos Cinetes e dos Cúneos e dos Lusitanos o Algarve foi visitado por Fenícios, Gregos e Cartagineses que aí estabeleceram entrepostos e feitorias ou se dedicaram a um simples comércio activo.

Posteriormente, o Algarve viu-se ocupado pelos *Romanos*. Quando da queda do Império Romano, numerosos povos bárbaros invadiram a Hispânia. Os *Alanos*, que se estabeleceram no sul do Tejo, deviam ter estado no Algarve tal como os *Vândalos* antes da sua passagem para África. E os *Visigodos* quando nos finais do século VI dominaram toda a Península.

Mais tarde, o Algarve foi invadido por tropas do *Império Bizantino* que procuraram ocupar o sul da Península Ibérica.

Se tivermos tudo isto em conta devemos reconhecer que, antes da invasão árabe, no Algarve devia haver substratos populacionais de etnias várias: *Iberos*, *Cinetes*, *Cónios* ou *Cúneos* (Celtas), *Lusitanos* (Celtiberos), *Romanos*, *Alanos*, *Vândalos* e *Visigodos*, assim como *Gregos* e *Bizantinos*. E não devemos esquecer que durante os impérios romano e visigótico deviam ter existido no Algarve alguns grupos de *Judeus* chegados à Hispânia sobretudo depois da destruição de Jerusalém pelo Imperador Tito (**).

Antes de considerar quais as tribos e clãs árabes que se estabeleceram no Algarve parece-nos necessária uma breve referência aos grupos étnicos dos Arabes.

II — OS ARABES, SUAS RAIZES ÉTNICAS, SUAS DIVISÕES E SUAS CARACTERÍSTICAS ANTROPOLÓGICAS

Os Arabes não constituem propriamente uma raça. De resto, é muito discutível, hoje, a noção de raça.

De qualquer modo, se admitirmos a existência de uma raça ou etnia semítica, devemos distinguir nela, entre outros povos, os Arabes, possível fonte comum dessa raça ou etnia, a partir da Arábia, os Acádios, os Assírios, os Hebreus, os Fenícios, os Palestinos, os Arameus, e, em parte, os Etíopes (†).

Esses semitas caracterizam-se por uma altura acima da média, 1,65 m, 1,68 m, cabeça muito elevada com acentuada dolicocefalia terminando com um occipúcio saliente, face comprida e estreita, com um contorno elíptico, olhos negros, em amêndoa, com o ângulo interno arredondado, nariz delgado apresentando a cana direita ou aquilina e asas compridas, lábios delgados e cabelos negros, ondeados ou encaracolados (‡).

Estes traços muito gerais aparenta-os à raça ou gente mediterrânica. Os semitas foram, naturalmente, os principais criadores das grandes civilizações da Ásia ocidental: a dos Caldeus, a dos Assírios, a dos Fenícios, a dos Hebreus e a dos Arabes.

Segundo alguns autores, as mais antigas tribos dos Arabes (*Ad*, *Thamúd*, *Iram*, *Jurhum*, *Tasm* e *Jadír*), desapareceram antes do surto do Islamismo. Os árabes delas são conhecidos por «*Al-Arab al-bâ'ida*» (os árabes desaparecidos).

A tradição reconhece entre os verdadeiros árabes dois ramos: os do Sul, *Qah:tân* e os do Norte, *'Adnân*. Aqueles seriam os *Al-'Arab al-'ariba*» (os autênticos) e estes (considerados descendentes de Abraão por Ismael), os «*Al-'Arab al-musta'riba*» (os que se arabizaram).

Segundo tradição lendária de um remoto *Qah:tân* seriam descendentes as «*Qabâ'il al-Iaman* (os Iemenitas). *Saba'* bisneto de *Qah:tân* teria sido pai

de Himyari e de Qahlân. Descendentes de Himyari seriam as tribos dos Sabeus e Mineanos.

Na época muçulmana o papel mais importante na história coube, quanto aos Himiaritas, às tribos de *Qudâ'ah*, de *Kalb* e de *Ud:rah*. Quanto aos Cahlanidas às de *Tayyî*, *Madhhij*, *Hamdân* e *Al-Azd*, esta nos seus dois ramos *Al-Aus* e *Al-Khazrajî* que em Medina constituíram os *Al-Ansâsâri*, assim como às tribos de *Kinda*, de *Gassan* (senhores do reino a oriente de Palmira, vassalo dos Bizantinos), e de *Lakhmî* (senhores do reino de Hira, vassalos dos Persas Sassânidas).

Aos Arabes, 'Adnân, Ismaelitas, ou do Norte pertenciam os *Mud:ar* (com as tribos de *Qays Aylân*, *Khindif*, *Banû 'Amir*, *Thaqîf*, *Hawâzin*, *Sulaima*, *Hudha'il* e *Tamim*), os *Gatafan* (com as tribos de *Dubyân*, e *Abs*), os *Kinânah* (com as tribos de 'Abdu-Manat, *Malik*, 'Amir e *Quraix*, esta a de Muh:ammad), e os *Rabi'ah* (com as tribos de 'Anaza, 'Abd al-Qays, *Al-Namir*, *Taglib* e o grupo *Qays ben Wâ'il* dentro do qual se distinguia a tribo de *Hanifa*).

Destas tribos do Norte, antes do Islão, a dos Mudaritas e a dos Rabiaitas tinham ido para a Mesopotâmia, Eufrates e Tigre; as de *Hudha'il* e *Sulayma* ficaram entre Meca e Medina; as de *Tamim* e *Hanifa* situaram-se no centro da Arábia e a de 'Abd'al-Qays no Leste (*).

III — POVOS, TRIBOS E CLAS ARABES NO ALGARVE MEDIEVAL

Logo depois da conquista pelos muçulmanos do exército de Músâ, o Algarve foi ocupado pelos Iemenitas.

Os *Iemenitas* que haviam atravessado o Estreito de Gibraltar dividiram-se em dois grupos: um foi para o Oriente do Andaluz e o outro dirigiu-se para o Ocidente e centrou-se na região de Sevilha. De Sevilha os *Iemenitas* encaminharam-se para o Ocidente extremo até Beja e Ossónoba. O seu chefe *Abû Sabâh al-Yamânî* chegou mesmo a ser Vali ou Governador de Ossónoba, província que correspondia ao nosso moderno Algarve, e tinha a sua capital na cidade do mesmo nome.

Abû Sabâh voltou, mais tarde, a Sevilha onde se transformou na cabeça de uma poderosa força política. Ajudou 'Abd Al-Rahman Al-Dâh:il (I), o Omíada, foragido do Oriente, a derrotar os seus inimigos, mas, depois, tendo proferido palavras imprudentes, das quais se deduzia a sua intenção de o aniquilar, foi chamado ao alcácer de Córdova e aí assassinado. A partir de então, o poderio dos *Iemenitas* decresceu bastante e tudo indica que eles procuraram afastar-se dos centros de decisão e refugiar-se no Baixo Alentejo e no Algarve, mais ao abrigo das investidas do Amir de Córdova (*).

No Algarve os *Iemenitas* estabeleceram-se, sobretudo, na cidade a que chamaram *Xîlb* e cujo nome, na época pré-romana, poderia ter sido *Cylpes*, termo que figura em várias moedas encontradas, há cerca de um século, nas cercanias de Silves.

Não parece que eles alguma vez tenham dado importância a Ossónoba, a capital da província do mesmo nome. Aqui, naturalmente, continuaram a dominar pela sua importância populacional e pela força de velhas tradições cristãs e episcopais, os antigos habitantes de etnia remota pré-romana, romana ou visigótica.

No entanto, alguns anos antes da disputa entre *Abû Sabâh* e 'Abda Al-Rahman I, em tempos do Amir *Abû'l-Khattar*, já se haviam estabelecido em Ossónoba, como em Beja, tropas do *Jund* do Egipto. A permanência, porém, destes egípcios em Ossónoba não devia ter sido muito longa, pois quando 'Abd Al-Rah:man I derrotou *Abû'l-Alâ Ibn Muguit*, na região de Carmona, depois deste com as tropas do *Jund* egípcio ter levantado em Beja a bandeira negra dos Abácidas, o *Jund* de Beja foi destruído e dissolvido e supomos que o mesmo deve ter acontecido ao de Ossónoba ou pelo menos anuladas

as suas regalias de tipo feudal, pois da sua existência posterior não há notícia (10).

Silves oferecia aos Iemenitas vastos campos de cultura, perto de montanhas possuidoras de boa madeira, vales abertos e um rio, o Arade, susceptível de proporcionar a irrigação de terras para melhor produção agrícola.

Os Iemenitas, provenientes da Arábia do Sul, onde se localizava a Arábia Feliz, eram técnicos na construção de diques, como o de *Marib*, na sua terra e na utilização de redes de distribuição de águas para a agricultura. E, com efeito, no Vale do Arade, se não foram eles mas sim os romanos os construtores da represa a que hoje chamamos *Levada*, no Arade, a sudeste da cidade, sem dúvida que a utilizaram devidamente, pois o seu nome, sob a forma de *sudd* surge num poema de Ibn 'Ammar dedicado a Al-Mu'tamid, em que se recorda as belas noites passadas com recitações, poesia, música, dança e mulheres no *sudd* do rio que decerto não deve ter sido senão nesse local (11).

De resto, as águas do rio não deviam servir apenas para a irrigação. Destinavam-se, igualmente, a serem aproveitadas na sua força mecânica, para pôr em acção os moinhos, numerosos ao longo da corrente do rio, a que faz referência Idrisi na sua descrição de Silves e de que ficaram vestígios no velho Moinho da Porta, junto ao cais da cidade e no tradicional Moinho do Valentim, a sudoeste (12).

Mas, no Algarve, não se estabeleceram apenas Iemenitas. Como Idrisi já assinalava, em Silves havia «árabes do Iemen e de outras partes». Apareceram aí também *Mahritas*, oriundos de *Mahra*, no sul da Arábia, entre o Hadramaute e o Oman, profundamente influenciados pela gente e pela cultura da Índia.

Era o caso de *Abu Bakr Muh:ammad Ibn 'Ammar*, de Silves, e de *Abú Bakr Muh:ammad ben Ibrâhîm den 'Abd Allâh ben Munakhkhal* (13) também de Silves, aquele o mais famoso poeta árabe do Algarve, amigo, adulator e vítima do príncipe Al-Mu'tamid de Sevilha, este, célebre poeta e teólogo de uma família que em Silves mantinha uma testúlia literária rival da dos Banú Al-Milh:

Havia igualmente *Hadramauditas* como *'Abd'al-Malik ben 'Abd Allâh Ibn Badrûn Al-Hadhramî*, de Silves, que usava as «kunias» de *Abu'l-Qâsim* e de *Abû'l-Hasan*, autor do comentário à elegia alaftácida de *Ibn 'Abdun* de Évora (14).

Do mesmo modo, havia *Coreixitas*, gente da tribo a que pertencia *Muh:ammad*, em Silves e em Tavira. Assim, eram *coreixitas* em Silves *Abú Bakr Muh:ammad ben Ibrâhîm ben Gâlib al-Quraxî al-'Amirî*, notável literato e orador de que fala *Ibn Khair* (15). Em Tavira, era *Coreixita* o famoso poeta *Abû 'Uthman Sa'id ben Hlakam ben 'Amr ben Hlakam al-Quraxî* (16) que mais tarde se elevaria a Senhor da Minorca.

Houve também no Algarve *Ansaris*. Eram *Ansaris* em Silves: *Muh:ammad ben Sa'id ben Ah:mad ben Sa'id ben 'Abd al-Bar ben Mujah'id al-Ans:âri* que, se bem que de uma família de Sevilha, foi cadí ou juiz, em Silves (17), *Muh:ammad ben Ah:mad ben Muh:ammad ben Ah:mad ben 'Abd al-Malik ben Sa'id ben Yusuf al-Ans:âri*, de gente de Valência que foi alfaquí ou jurista em Silves (18); *Marjî ben 'Abd al-Malik ben Marjî al-Ans:âri* jurista segundo a escola de Malik (19) e *Abû'l H:asan 'Ali ben Khalaf ben Gâlib al-Ans:âri* (20), tradicionista e místico.

Não faltavam no Algarve os *Caicitas*. Eram *caicitas* em Silves os irmãos *'Abd al-Malik* e *Hixam ben Muh:ammad ben Hixam ben Sa'd al-Qaisî* (21) notáveis literatos conhecidos pela designação de *Ibn At:alâ*. *'Abd al-Malik* foi tradicionista, cadí da fortaleza de Marajiq e predicador na mesquita de Silves em tempos de Ibn Qasî. *Hixam*, seu irmão, foi literato e cadí de Silves. Era também *caicita* em Silves *'Abd Allâh ben Ah:mad ben 'Abd'al-Malik al-Qaisî*, poeta e literato contemporâneo de Ibn Munakhkhal (22).

Tão-pouco faltavam no Algarve indivíduos conhecidos como representantes da tribo de *Azd*, tal como *Abû'l-Qâsim 'Abd al-Rah:man ben Ismâ'il al-Azdî*, de gente de Tunis, conhecido por *Ibn al-Hadi* que foi *cadi* de Silves e viria a morrer na cidade de Marrocos (23).

Os *Gassânidas* estiveram representados em Silves por uma grande figura de família originária de Niebla: *Abû'l H:usain Muh:ammad ben Khalaf ben Sa'd al-Gassâni*. Tradicionista e *cadi* de Silves, morreu um ano depois da morte de *Ibn Qasi*, precisamente em 1152 (24).

Os *Lácmidas* foram muito numerosos no Algarve. Estiveram representados em Silves e em Tavira. Em Silves por *Al-Mu'tamid 'ala Allâh, Muh:ammad ben 'Abâd ben Muh:ammad ben 'Abâd*, príncipe de Sevilha que nasceu em Beja. *Al-Mu'tamid* foi governador do Algarve com a capital em Silves, na sua juventude. Como se sabe os *Abádidas* de Sevilha eram dados como *Lácmidas*. Todavia, não se sabe se provinham do ramo real de Hira ou de um mais modesto que esteve sediado na Palestina.

Todavia também eram *Lácmidas* de Silves os *Banû Milh:* e outros.

O mais antigo dos *Banû Milh:* parece ter sido *Muh:ammad ben Ishaq al-Lakhmî, Ibn Al-Milh:* ou *Ibn Mallâh:*, proveniente de Beja. Por esse tempo vivia também em Silves um seu parente: *Muh:ammad ben 'Abd al-Rah:man Ibn al-Milh:*. Aquele gerou dois filhos que se tornaram ilustres: *'Abd al-Malik ben Muh:ammad ben Ishaq al-Lakhmî Ibn al-Milh:* e *Ah:mad ben Muh:ammad ben Ishaq al-Lakhmî Ibn al-Milh:*. Todos eles foram notáveis como poetas e literatos e mantiveram uma tertúlia em Silves, assim como prémios literários. O último dirigiu a pregação e a oração em Silves (25).

Outros *Lácmidas* surgiram em Silves tais como: *H:âna ben al-H:asan ben 'Abd al-Rah:man ben al-H:asan ben Qâsim ben Maxaraf ben Qâsim ben H:âna al-Lakhmî* que foi *cadi* de Silves; *'Isa ben 'Abd al-'Aziz ben Munaim al-Lakhmi*, literato de Silves e *Ah:mad ben Mûsâ ben 'Abd Allâh ben Muzâhim al-Lakhmî*, de gente de Silves, que mais tarde seria leitor do Corão em Fez onde morreu depois de 1203 (26).

Mas houve igualmente *Lácmidas* em Tavira. Eram *Lácmidas* os *Banû Mahîb* entre os quais se distinguiram *Abû Ishaq ben 'Ali ben Mahîb* e seu sobrinho *Muh:ammad ben Mufadal ben H:asan ben 'Abd 'al-Rah:man ben Muh:ammad ben Mahîb al-Lakhmi*, que foi literato e pregador na alcáçova de Almeria, contemporâneo e amigo de *Ibn Al-Abbâr* e morreu e foi enterrado em Ceuta (27).

No Algarve, na época árabe, além dos Arabes havia, naturalmente, também um importante grupo de *Berberes*. Berber devia ser aquele *Abû 'Uthman Sa'id Ibn Hârûn*, oriundo de Mérida, que Adobe, ministro do califa *Sulaiman* de Córdoba, colocou à frente da governação de Santa Maria do Ocidente, depois Santa Maria de Ibn Harun ou Faro (28). Assim pensamos porquanto *Sulaiman* praticou uma política baseada sobretudo no apoio dos *Berberes* e aos *Berberes* e a figura daquele personagem não nos surge com qualquer referência a uma genealogia árabe de alto coturno, como era de uso.

Esta família dos *Banû Harun* manteve-se em Faro durante bastante tempo. Teve um poeta célebre *Abu'l-H:asan ben Hârûn* referido pelos antologistas (28).

A família ainda existia quando da conquista portuguesa de D. Afonso III.

Os *Banû Hârûn* aparecem a partir desses tempos à frente da cidade, como alcaides dos Mouros Foros que deviam prestar contas ao Rei de Portugal (29).

Assim, tivemos no Algarve da época árabe: *Iemenitas, Egípcios, Mahritas, Hadramauditas, Coreixitas, Caicitas, Ansaris, Azdis* (Auisis e Khazrajis de tempos anteriores ao Islamismo), *Gassânidas* e *Lácmidas*, assim como *Berberes* arabizados. Deviam também ter aí vivido pequenas colónias de Judeus, todavia não detectadas até hoje.

Não devemos esquecer que, na população algarvia do campo, havia também *Moçárabes* sobretudo em Ossónoba-Santa Maria-Faro e em Cabo dos Corvos, Cabo de São Vicente, onde existia um famoso mosteiro e se encontravam as relíquias do célebre mártir de Córdova. Vestígios disso é aquele Garcia Rodrigues, mercador de seu ofício, que nos aparece na Crónica da Conquista do Algarve como um dos mártires de Tavira⁽³⁰⁾.

Havia igualmente, na população algarvia do tempo, os *Muladis* aqueles velhos hispano-romanos ou visigodos que, convertidos ao Islamismo acabaram por desempenhar um papel importante quando da Revolução dos Muladis que antecedeu o aparecimento do Califado de Córdova. Foi então que apareceram em Ossónoba-Santa Maria os *Bakr, Iahia, Bakr e Khalaf* que dominaram em Ossónoba e Silves e acabaram por merecer consideração e respeito por parte de *'Abd'al-Rahman III* que os reconheceu como legítimos senhores do governo do Algarve⁽³¹⁾.

Todavia *Moçárabes e Muladis* não eram gente árabe, embora se tivessem arabizado grandemente. Constituíam apenas o fundo das etnias peninsulares que como Cristãos ou Muçulmanos sobreviveram à grande avalanche cujas ondas alterosas atingiram o Algarve, como outras já o haviam atingido em outras épocas, desta vez, porém, por alegados motivos de expansão político-religiosa. A reacção a essa expansão surgiria mais tarde e teve um nome: a reconquista cristã portuguesa⁽³²⁾.

Hoje há que analisar e avaliar devidamente a contribuição que os Árabes e os diferentes grupos étnicos árabes deram para a formação da civilização portuguesa e algarvia, sem preconceitos e com seguro critério baseado em sã filosofia da história.

Não podemos esquecer, tão-pouco, o papel dos Mouriscos na transmissão das influências árabes ao povo português e aos algarvios em especial, influência demonstrável não só na toponímia mas também no vocabulário corrente e nos usos, costumes e instrumentos com nomes de proveniência arábica

Em plenos séculos XIII e XIV a movimentação do comércio no Algarve era feita, em grande parte, por mouriscos que ainda mantinham a sua onomástica íntegra, embora já um tanto influenciada pelas transformações exigidas pela ortografia portuguesa⁽³³⁾

Depois da expulsão dos Mouros, nos fins do século XV, muitos mouros ficaram no Algarve. Uns, obrigados a converter-se ao Cristianismo, tomaram nomes cristãos e os seus descendentes hoje dificilmente são discerníveis; outros, apesar de tudo, mantiveram os seus nomes tradicionais que ainda hoje podem ser assinalados na onomástica algarvia.

NOTAS PARA ALGUNS DADOS ETNO-ANTROPOLÓGICOS PARA O ESTUDO DOS ÁRABES QUE SE ESTABELECEM E VIVERAM NO ALGARVE NA IDADE MÉDIA

(1) Sobre este assunto veja: *H. Obermayer y A. García y Bellido* — «El hombre prehistórico y los orígenes de la Humanidad», Madrid, 1944 — *Revista de Occidente*, 3.ª ed., pp 169-320; *Torquato de Sousa Soares* — «Contribuição para o estudo das origens do Povo Português», Sá da Bandeira, 1970 — Universidade de Luanda — pp. 12, 15, 45; *Antonio Arribas* — «Os Iberos», Lisboa, 1971 — Ed. Verbo, 7.ª vol. da col. «Historia Mundi»; *Antonio Blanco Freijeiro* — «Protohistoria Española» in: «Historia de España» de Antonio Blanco Freijeiro e Jesus Valiente Mala. La España Antigua de Alta Mira e Sagunto, Madrid, 1980 — Información y Revistas S.A., 2.ª ed., pp. 43-48.

(2) *Rufus Festus Avienus* — Ora Maritima — Texto latino em A. Schulten e P. Bosch Gimpera — *Fontes Hispaniae Antiquae*, Barcelona, 1922 — Vol. I e também *F. Martins Sarmiento* — «Ora Maritima de Rufus Festus Avienus», Porto, 1880.

(3) Vide: *Estrabão* — Livro III (Iberia) da «Geographika» in: «Antonio García y Bellido — «España y los Españoles hace dos mil años» según la Geografía de Strábon, Madrid, 1945 — Espasa-Calpe, col. Austral, e *Appian Alexandrin* — «Des Guerres des Romains», Livro XI — Trad. francesa de Maistre Claude de Seyssel — Com Des Histoires Romaines, L'Ébérique et Anibale — Trad. do grego por Philippe des Auxnelles, Paris, 1580.

(4) *Plinius Secundus, Caius* — «Naturalis Historia» in: Antonio García y Bellido — La España del siglo primero de nuestra era según P. Mela y C. Plinio, IV, pp. 116.

(5) Como se sabe, na época visigótica continuou a existir a diocese de Ossónoba. Foi Suintila quem pôs fim ao domínio bizantino no sul de Hispânia, obrigando, em 624, as tropas bizantinas a reembarcar no Algarve. Sobre o assunto vide o nosso trabalho «Lições de História da Civilização Portuguesa», Lisboa, 1957 — União Gráfica, p. 44, e *D. Fernando de Almeida* — A Arte Visigótica em Portugal» in: «Arqueólogo Português», Nova Série, IV, Lisboa, 1962 — Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcellos, pp. 16 a 38.

De que os Judeus existiam no Império Visigótico não há dúvidas. Muitos atribuíram aos Judeus de Sevilha a fácil queda desta cidade em poder dos Muçulmanos invasores.

(6) Sobre o assunto pode-se consultar. *S. Moscati* — Histoire et Civilisation des Peuples Sémitiques, Paris, 1955 — Payot.

(7) Vide *Henri-V. Va llois* — «Les Races Humaines», Paris, 1948 — Presses Universitaires de France, col. «Que sais-je».

(8) Sobre o assunto veja-se o artigo de *G. Rentz* na «Encyclopédie de l'Islam», Nova Edição, Tomo I, 1957, sob o título «'Arabiyya» e também *J. M. 'Abd al-Jalil* — Histoire de la Littérature Arabe», Paris, 1960 — G. P. Maisonneuve, p. 18.

(9) Vide o nosso trabalho «Ossónoba na época árabe», Faro, 1972 — Separada dos «Anais do Município de Faro», pp. 27-31. A queda do poderio dos Iemenitas deu-se sobretudo a partir da revolta dos primos de Abû Sabâh, em Niebla e Beja, com o apoio de Sevilha, verificada em 774, revolta que foi completamente esmagada por '9bd al-Rah:man I.

(10) Consulte-se *Lévi-Provençal* — «España Musulmana hasta la caída del Califado de Córdoba» in: História de España» dirigida por Ramón Menéndez Pidal, Tomo IV, Madrid, 1957, Espasa Calpe, p. 31.

(11) Vide *Henri Pérès* — La poésie andalouse en arabe classique au XIème siècle, Paris, 1953, Adrien Maisonneuve, p. 149.

(12) *Al-Xarif al-Idrisi* — «Kitâb Nuzhat al-Mutâq fi Ikhtirâq al-Afâq» in: «Description de l'Afrique et le l'Espagne», ed. de Dozy e de Goeje, reimpressão anastatique, Leiden, 1948, Brill, texto árabe, p. 179, trad. francesa, p. 217.

(13) Para Ibn 'Ammar veja-se: *S:alâ' Khâlis* — «Muh:ammad ben 'Ammar», Bagdad, 1957, ed. Al-Hadí. Devo possuir este livro ao Dr. Dias Farinha, distinto Professor de Árabe na Universidade Nova, que adquiriu em Bagdad, um exemplar que teve a gentileza de me oferecer. Trata-se de uma tese defendida, na Sorbonne, perante um júri a que pertencia Lévi-Provençal que, quando da sua estadia em Portugal, me chamou a atenção para o interesse do trabalho.

Para Ibn Munakhkhal consulte-se *Ibn Al-'Abdâr* — «Kitâb al-Takmilati likitâb al-Silat» in: Bibliotheca Arabico-Hispana, V e VI — Complementum Libri Assilah (Dictionarium Biographicum), ed. de Francisto Codera y Zaydin, Madrid, 1887-9, 1.º vol., p. 224, n.º 730. A esta notável personalidade de Silves há referência no vol. II do «Al-mann bil Imamah al-Mustadhafin» de Ibn Sâhib al-Salâ de Beja, publicado pelo Embaixador Abdal Hadi Attazî sob o título geral «The History of the Moroccan Empire in Maghrib, Andalusie and Ibriqiya», Beirute, 1965, Andalus Home. Vide pp. 150-155 e 243-245.

(14) É referido por *Ibn Al-Abbâr* no seu livro «Takmila», ed. de Codera I, p. 620, n.º 1727. O comentário foi publicado por R. Dozy — Commentaire Historique sur le poème de Ibn 'Abdûn par Ibn Badrun, Leide, 1846, S. J. Luchtmans.

(15) *Abû Bakr Ibn Khair* fala dele no seu famoso trabalho bibliográfico

publicado por F. Codera e J. Ribera Tarragó sob o título «Index Librorum de diversis scientiarum ordinibus», tomo X, da Bibliotheca Arabigo Hispana, Saragoça, 1895, V, pp. 321, 324 e 333-4.

(16) Vide o nosso trabalho «Património Cultural Árabe-Algarvio», Lisboa, 1956, Casa do Algarve, p. 38.

(17) Vide *Ibn Al-Abbâr* — «Takmila», ed. de Codera, I, pp. 256-257, n.º 824.

(18) *Ibidem*, n.º 998.

(19) *Ibidem*, p. 400, n.º 1151.

(20) *Ibidem*, p. 672, n.º 1870.

(21) Para 'Abd al-Malik vide *Ibn Al-Abbâr* — «Takmila», ed. de Codera, pp. 614-615, n.º 1715. Para Hixam vide «Takmila», Mans. do Cairo, ed. de 1915, de González Palencia e Max Alarcón, p. 341, n.º 2702.

(22) Vide *Ibn Al-Abbâr* — «Takmila», ed. Codera, p. 503, n.º 1427.

(23) *Ibidem*, pp. 593-594, n.º 1659.

(24) *Ibidem*, I, p. 196, n.º 971.

(25) Vide o nosso trabalho «Ossónoba na época árabe», pp. 42 a 46.

(26) Vide *Ibn Al-Abbâr* — «Takmila», ed. Codera, p. 716, n.º 2020 e Mans. de Fez, ed. de Alfred Bel e Ben Cheneb, Argel, 1920, Imprimerie Oriental, Fontan Frères, n.ºs 145 e 245 respectivamente.

(27) Vide *Ibn Al-Abbâr* — «Takmila», ed. Codera, I, p. 360, n.º 1031.

(28) Para a história dos Banú Harun veja-se R. Dozy — «Histoire des Musummans d'Espagne». Nova edição revista e actualizada por E. Lévi-Provençal, Leide, 1932. A *Sa'd ben Hârûn* sucedeu seu filho *Muh:ammad ben Sa'id ben Hârûn* que foi destronado por *Al-Mutad'id* de Sevilha. O nome completo de *Abû'l-H:asan* é, segundo Ibn Bassam na «*Dhakhîra*» 'Ali ben *Muh:ammad ben Sa'id ben Hârûn* o que leva a supor que era neto do fundador do principado.

Deste *Abû'l-H:asan* transcreve uma poesia *Ibn Sa'id al-Magribi* no seu livro «*Al-Mugrib fi hulâ al-Magrib*» cujo volume referente ao Andaluz foi publicado pelo Doutor Xauqî D:aif, no Cairo, em 1953, edição da «*Dâr al-Mahârif*», tomo I, p. 395.

(29) Assim o entendeu e parece que muito bem o Dr. Francisco José Veloso no seu belo estudo «Alguns nomes de muçulmanos portugueses (século XIII a XV) em separata da «*Revista de Portugal*», série A, Língua Portuguesa, vol. XXXIV, Lisboa, 1969, p. 526 onde cita o nome de *Ma'fomed Avinharom* ou *Avin Harom*, alcaide dos Mouros Forros de Faro, a que D. Dinis, em 1302, faz doação de uma almoinha.

(30) Vide «*Crónica de Cinco Reis de Portugal*», publicada por A. de Magalhães Basto, Porto, 1945, Livraria Civilização, Biblioteca Histórica, série Régia, pp. 209 e 211.

(31) Vide o nosso estudo «Ossónoba na época árabe», pp. 34 a 36.

(32) O fluxo e refluxo dos povos é uma constante da história. No actual momento supomos que se chegou a um período de equilíbrio hispano-magribino.

(33) Vide Dr. Alberto Iria — «*Descobrimientos Portugueses — O Algarve e os Descobrimientos*», Lisboa, 1956, Instituto de Alta Cultura, tomo I, especialmente as páginas 395-396.

ADENDA AS NOTAS

a) Como nota posterior poderíamos acrescentar que devia ter havido também em Silves *quelbitas* pois, segundo parece, no Mans. de Madrid do «*Kitâb al-Mugrib fi hulâ al-Magrib*» o nome de Ibn Munakhkhal vem seguido da nisba «*Al-Kalbi*» (o *Quelbita*) e não da de Al-Xilbi (o de Silves) como se leu noutros. Nesses caso, Ibn Munakhkhal, embora originário da região de Mahra, pertenceria à tribo de Kalb, dos Qahtânidas.

b) Também é de assinalar que aparecem nas regiões de Faro e de Silves alguns indivíduos com a nisba de «*Al-Maqqari*» o que significa originários da povoação de Maqqara em território que pertenceu ao Império Marroquino mas

que se situa na zona de Tremecém, hoje argelina. É muito natural que esses indivíduos fossem mais berberes do que árabes.

Foram eles: De Santa Maria, Faro — *'Amr ben Ismâ'il ben 'Amr ben Ismâ'il al-Maqqari* que fez a peregrinação a Meca (vide Ibn Al-Abbâr — «Takmila», Mans. do Cairo, p. 180, n.º 2232) e *Gâlib ben Muh:ammad ben Abî Nas:r al-Sahmi al-Maqqari* que desempenhou as funções de juiz em Santa Maria, no tempo de *Al-Mu'tad'id*, Senhor de Sevilha; e de Silves: *Hixam ben Ah:mad ben Khalaf ben Sa'id ben Abân al-Khaulâni al-Maqqari* que foi pregador e cadi de Silves (vide, *ibidem*, p. 271, n.º 2486, e p. 342, n.º 2703 respectivamente).

Maqqara foi a terra natal de Al-Maqqari o grande historiador marroquino dos séculos XVI e XVII, autor do «Nafn: al-T:ib. Muito naturalmente, os naturais de Maqqara são predominantemente de raça berber. Berber devia ser também *Suliaman ben 'Ali ben Muh:ammad ben Suleiman al-Kutâmi* de Silves que viria a morrer em Maiorca (vide Ibn Al-Abbâr — «Takmila», ed. Codera, p. 769, n.º 1992), pois a tribo de Kutâma se encontra entre as berberes.

c) Pelo exposto se deve concluir que devia haver quelbitas também em Silves e berberes, em Santa Maria, Faro e Silves.

d) São numerosos os termos portugueses de origem árabe usados para designar, por exemplo, objectos ou utensílios da cozinha tais como alguidar, almotolia, almofariz.

e) O estudo dos nomes da onomástica algarvia de origem árabe está por fazer. Lembremos apenas que em Silves há famílias com os nomes de Salema e de Canana que tudo indica serem de origem árabe.

Canana poderia derivar de *Kinana* como deste termo poderia derivar o topónimo Caniné, ao norte de Silves. Surge também em Silves o nome de Mourinho aplicado a uma família com vários ramos, designação que revela uma clara referência a gente da época dos Mouriscos.

000190